# O Sangha

*Eles são os discípulos do Excelso Buda, que praticaram bem*  
*Que praticaram directamente,*  
*Que praticaram de forma reflectida,*  
*Os que praticaram com integridade –*  
*São os quatro pares, os oito tipos de seres nobres –*  
*Estes são os Seus discípulos*  
*Tais seres são merecedores de dádivas,*  
*Merecedores de hospitalidade*  
*Merecedores de oferendas*  
*Merecedores de respeito;*  
*Dão ocasião a que, neste mundo, surja um bem incomparável.*

*Dez assuntos, para lembrar frequentemente, por quem seguiu adiante*

Monges, existem dez dhammas, que devem ser reflectidos frequentemente, por quem seguiu adiante – quais são esses dez?

Já não vivo de acordo com os objectivos e valores do mundo. Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

A minha própria vida é sustentada pelas oferendas dos outros. Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Devo esforçar-me por abandonar os meus hábitos anteriores. Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Surge na minha mente lamento sobre a minha conduta? Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Os meus companheiros espirituais acham a minha conduta faltosa? Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Tudo o que é meu, amado e aprazível, tornar-se-á diferente, separar-se-á de mim. Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Sou dono do meu Kamma, herdeiro do meu kamma, nascido do meu kamma, relacionado com o meu kamma, vivo suportado pelo meu kamma, qualquer que seja o kamma que faça, para bem e par mal, eu serei o seu herdeiro. Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Os dias e as noites passam incessantemente, quão bem estou eu a usar o meu tempo? Isto deve ser reflectido frequentemente, por quem seguiu adiante.

Sei apreciar a solidão? Isto deve ser reflectido várias vezes, por quem seguiu adiante.

A minha prática deu frutos resultando em liberdade ou compreensão, de forma que no fim da vida não me tenha de sentir envergonhado, quando questionado pelos meus companheiros espirituais? Isto deve ser reflectido várias vezes, por quem seguiu adiante.

Monges, estes são os dez dhammas a ser reflectidos várias vezes, por quem seguiu adiante.

Aṅguttara Nikāya, Livro dos Dez 48

## O que quer dizer ‘Sangha’?

A palavra ‘Sangha’ é usada de duas maneiras. Primeiro, é o nome dado à ordem monástica, daí a frase ‘O Sangha tailandês’. Segundo, refere-se à comunidade de todos aqueles que realizaram um dos níveis de iluminação. As duas categorias sobrepõem-se a um certo nível: durante os últimos 2.600 anos, a vasta maioria dos que realizaram níveis de iluminação foram membros da ordem monástica. Contudo, a vida monástica não é condição necessária para a iluminação. Muitos membros do Sangha iluminado viveram (e vivem) como elementos de uma família.

## Porque é que os monges budistas rapam a cabeça?

O cabelo é um dos maiores focos do desejo humano para embelezar o corpo e projectar uma imagem particular ao mundo. Os monges rapam o cabelo como uma expressão da sua aspiração à renúncia da vaidade pessoal. Ao fazê-lo, tal serve para lembrarem a si próprios e aos outros que deixaram o mundo. A Visão de um monge budista em hábitos castanhos e com cabeça rapada torna-se memorável. As pessoas podem ficar curiosas ou intrigadas, podem sentir-se elevadas, podem ser lembradas da necessidade de estar alerta e despertas. Por consequência, os monges budistas propagam o Dhamma de uma forma muito delicada, basta serem vistos.

Os monges rapam a cabeça uma vez por mês (o dia anterior à lua cheia), ou duas vezes (acrescentando o dia anterior à lua nova). Na Tailândia, os monges também rapam as sobrancelhas.

## Porque é que os monges usam hábitos de cores diferentes?

Os hábitos amarelo claro ou laranja são usados por monges que vulgarmente vivem em mosteiros urbanos. Os castanhos são vulgarmente usados por monge que vivem nos mosteiros das florestas.

Actualmente a maioria dos monges usa hábitos de material sintético. Estes são produzidos comercialmente numa variedade de cores, comprados por budistas leigos e depois oferecidos aos monges. Na maioria dos mosteiros prescreve-se uma série de cores, mas noutros os monges são livres de usar qualquer cor que lhes seja oferecida, desde que esteja dentro de limites aceitáveis.

Em muitos mosteiros da floresta os monges costuram os seus hábitos e tingem-nos com cor extraída do tronco da árvore da jaca. A cor destas indumentárias varia de acordo com a cor da madeira usada (indo desde a cor dourada até ao vermelho alaranjado), e com o uso do hábito (sempre lavado numa solução diluída de tinta, um adstringente fraco, e escurecendo consoante envelhece).

## O que é o Vinaya?

O Vinaya é o compêndio das regras de prática, protocolos, procedimentos e deveres deixados pelo Buda para a ordem monástica. O Vinaya tem como intenção manter a harmonia dentro e entre as comunidades monásticas, bem como criar as condições óptimas para cada monge praticar o Damma. O cerne do Vinaya é o *Pāṭimokkha*, as 227 regras que constituem o código básico da disciplina.

O Phātimmokkha está dividido em várias secções. A primeira consiste em quatro ofensas que dão origem a expulsão: as relações sexuais, roubar, matar um qualquer ser humano, e fazer falsas alegações sobre realizações espirituais. A segunda secção consiste em 13 ofensas extremamente graves, as quais constituem sérias manchas na honra de um monge e, se cometidas, requerem um período de penitência para de purificarem. Nelas estão incluídas casos graves de má conduta sexual tais como masturbação, tocar o corpo de uma mulher com luxúria, e seduzir sexualmente de forma explícita. Todas as outras ofensas são confessadas e purificadas através de um procedimento breve, precedendo a reunião quinzenal da comunidade monástica, o *Uposatha*, durante a qual toda a disciplina do Phātimmokkha é cantada por um dos monges.

## O celibato monástico não será contranatura?

Sim, se considerarmos que ‘contranatura’ significa agir de formas que ultrapassam os mais básicos instintos humanos. Mas é geralmente aceite que a civilização humana tem vindo a evoluir até ao seu nível actual precisamente pela sua capacidade de ir além do que lhe é inato, de conseguir ser inteligentemente ‘contranatura’. Também se pode argumentar que a aspiração humana de governar os instintos básicos é concretizada na mente tão naturalmente, como os próprios instintos são vividos no corpo. O impulso sexual é, talvez, o instinto mais forte, e aprender a relacionar-se com ele de uma forma hábil é um grande desafio. No Sangha tailandês, os monges que não se acham capazes, ou não querem, defender uma vida celibatária regressam à vida leiga sem qualquer vergonha ou crítica.

## Qual é o verdadeiro objectivo do celibato monástico?

O Sangha foi fundado pelo Buda para todos os que desejavam devotar-se com afinco à sua via para o despertar. O Buda planificou a vida monástica como sendo de uma simplicidade radical, com o mínimo de distracções desnecessárias. As ligações românticas, as relações sexuais e suas consequências naturais – a parentalidade – são incompatíveis com a prática criada. Igualmente comprometeriam a relação simbiótica entre a ordem mendicante e a sociedade em geral, a qual o Buda vislumbrou.

O Buda descobriu que as formas mais subtis de felicidade e a experiência do verdadeiro bem-estar são raramente acessíveis, e sempre insustentáveis, sempre que as pessoas se entregam aos prazeres sensoriais. Ele insistiu no celibato do Sangha de forma a conceder aos monges a oportunidade de investigarem o impulso sexual como um fenómeno condicionado e aprenderem a se libertar da identificação com ele.

O Buda revelou que com a maturidade espiritual o instinto sexual não tem sustentáculo e desvanece. Tal como os desejos sexuais, as percepções e os pensamentos não são só um obstáculo à libertação, mas devem a sua existência à ignorância profundamente enraizada sobre a verdadeira realidade, a que os monásticos se dedicam a eliminar, e daí escolherem a vida do celibato.

## Qual a finalidade da ronda esmoler?

Os budistas consideram que o trabalho dos monges (o estudo, a prática e o ensinamento do Dhamma) é tão importante, que deveriam estar livres para o concretizar sem quaisquer preocupações de necessidades básicas materiais. As famílias acreditam obter muito mérito sempre que suportam materialmente o Sangha.

O Buda projectou a disciplina monástica de forma a prevenir que os monges se desligassem completamente do mundo. As regras de prática que se relacionam com a comida são as que desempenham um maior papel na obtenção deste objectivo. Uma regra, por exemplo, estipula que os monges só podem comer a comida que lhes tenha sido formalmente oferecida pelos leigos budistas na manhã a ser comida. Isto assegura o contacto diário entre os leigos e os monges, significando que até o mosteiro mais remoto na floresta deve estar num espaço próximo de uma aldeia, de tal forma que se possa ir a pé. A ronda esmoler é uma expressão diária da relação simbiótica entre o Sangha e a comunidade leiga budista. Por irem à aldeia local, os monges recebem o seu sustento diário, e os leigos, no acto de dádiva, são relembrados da moral e dos valores espirituais.

A ronda esmoler tem um benefício espiritual tanto para os monges como para os leigos. Para os monges sinceros, é um relembrar humilde e frequentemente comovente da generosidade que lhes permite levar uma vida monástica. Inspira-os a expressar o seu apreço pela fé que lhes é dedicada, por serem diligentes na prática dos seus deveres. A ronda esmoler dá aos leigos budistas a oportunidade de começarem o dia com um acto de generosidade. Sentem a alegria de dar e o contentamento de terem contribuído para o bem-estar dos monges cuidados por eles. Também é uma oportunidade para poderem dedicar aos seus entes queridos falecidos o mérito que obtêm da sua generosidade. Muitos pais ensinam os filhos, desde tenra idade, a pôr comida nas malgas dos monges, iniciando as crianças numa actividade com os monges que consideram especial, bem como criadora de um sentido de familiaridade e de conexão.

## Porque é que o Buda consentiu que os monges comessem carne?

A primeira razão e a mais importante é que comer carne não é, em si, considerado censurável. O Buda consentiu que os monges comessem carne, caso não tivessem visto, ouvido, ou suspeitado que quaisquer seres vivos tivessem sido mortos especificamente para fazer a refeição para eles. Em tal caso, não tendo contribuído de forma directa para a morte das criaturas, os monges não criavam kamma por consumirem a sua carne. Tão pouco o Buda proibiu que os monges praticassem o vegetarianismo, nem o louvou. Os seus ensinamentos sobre comida focaram-se na importância de se comer com moderação comida facilmente digerível, mais do que defenderem qualquer dieta em particular.

Uma segunda consideração subjacente à atitude do Buda para com o vegetarianismo no Sangha é o bem-estar a longo prazo na própria ordem. Os monges são mendicantes, dependendo totalmente da generosidade das famílias nas necessidades alimentares; não lhes é permitido cultivar, armazenar ou cozinhar comida, nem podem colher frutos das árvores. Se o Sangha se tornasse restrito em áreas nas quais dependesse de doadores vegetarianos, a sua influência benéfica na sociedade seria desnecessariamente limitada. O espírito de mendicância também seria traído, caso os monges pedissem comida especial aos doadores, mais do que estarem gratos por qualquer oferta, feita de boa fé.

## Para atingir a iluminação é preciso aderir a uma ordem monástica?

O Sangha foi criado pelo Buda especificamente de forma a providenciar as condições óptimas para os homens e mulheres que quisessem comprometer-se verdadeiramente com a via do despertar. Por esta razão, o Sangha é a vocação que dá mais apoio para os que, seriamente, querem praticar o Budismo. Contudo, a vida monástica não serve para todos, e mesmo muitas pessoas que encaram a prática budista com seriedade têm obrigações que não possibilitam a ordenação. Felizmente, para aqueles que não querem, ou não podem levar uma vida monástica, seguir o caminho para a iluminação numa família, embora difícil, pode conduzir a uma conclusão satisfatória. Ao longo dos últimos séculos, muitos budistas leigos levaram vidas exemplares e até alcançaram estádios de iluminação, particularmente do primeiro nível, conhecidos como a ‘Entrada na Corrente’.

## O que quer dizer ‘tudong’? O que é um ‘monge em tudong’?

O termo ‘tudong’ deriva do termo Pāli ‘dhutanga’ referindo-se a treze práticas consentidas ao Sangha pelo Buda que ‘vão contra a corrente’. Esta lista de práticas ascéticas incluem comer uma refeição por dia, comer somente o que é colocado dentro da malga e viver junto à raiz de uma árvore, e termina com a prática mais exigente: abster-se da postura deitada. As práticas do tudong desempenham um papel proeminente nos mosteiros da floresta do nordeste da Tailândia, e muitas estão inseridas na vida diária das comunidades monásticas. Os monges partem para determinadas práticas de tudong, por períodos limitados, de forma a saírem fora da ‘zona de conforto’, e para energizarem as mentes quando são apanhados na rotina.

Fora das comunidades monásticas a palavra ‘tudong’ é frequentemente usada referindo-se à prática em que os monges andam pelo campo, passando as noites debaixo das suas redes mosquiteiras (*glots*). Os monges em tudong por vezes decidem deslocar-se de um mosteiro para outro; outras vezes escolhem uma rota que lhes permita visitar professores afamados de forma a pedirem conselhos e encorajamento. Muitos procuram as áreas remotas de forma a testarem-se em ambientes menos familiares e desconfortáveis, enfrentando os medos dos espíritos e dos animais selvagens, meditando na solidão das montanhas e das cavernas.

## Os monges assumem os votos para sempre?

Entrar numa ordem monástica implica comprometer-se com a prática monástica que lhes é propostadurante o tempo que entende ser necessário. Um monge pode assumir para consigo próprio o voto de permanecer monge para o resto da vida, mas tal não lhe é exigido. Na verdade, a maioria dos que entram na ordem acabam por a deixar.

A ordenação temporária tem sido, desde há muito tempo, uma característica chave do Budismo Tailandês. Tradicionalmente, os rapazes ordenam-se por três meses no retiro da estação das chuvas (*vassa*), o qual acontece entre as luas cheias de Julho e de Outubro. O valor deste costume reside, em primeiro lugar, na possibilidade de um jovem receber uma imersão nos valores morais e espirituais, antes de se comprometer nos desafios do casamento e da carreira. Em segundo lugar, fornece-lhes uma forma de poderem exprimir gratidão aos pais pela educação dada (acredita-se que, através das suas ordenações, os pais obtêm grandes méritos). Em terceiro lugar, este hábito cria laços entre os budistas leigos e os mosteiros (onde, quer eles, quer a família, foram monges) que perduram por gerações.

Os monges que se juntaram ao Sangha pretendendo permanecer aí o resto das suas vidas, frequentemente sentem ser mais difícil do que tinham imaginado, e após algum tempo, começa a surgir de novo o desejo da vida leiga. Os professores geralmente aconselham os monges, que estão a considerar deixar o hábito, a esperarem algum tempo antes de tomarem uma decisão firme, para verem se as suas intenções mudam. Mas, se um monge decidir deixar a ordem, não fica sujeito a qualquer estigma social. Pelo contrário, as comunidades leigas budistas geralmente têm um respeito e uma confiança especial pelos homens que passaram uma parte das suas vidas como monges.

## O que é que os monges fazem diariamente?

A vida diária dos monges depende do tipo de mosteiro onde vivem, e do nível da sua carreira monástica. Nos mosteiros situados nas aldeias, vilas e cidades da Tailândia, os monges assistem aos serviços matinais e vespertinos, saem para a ronda esmoler de manhã cedo, e passam o resto do dia a estudar, ensinar ou a realizar deveres cerimoniais. Falando em termos gerais, a prática da meditação não constitui a maior parte de suas vidas. Nestes mosteiros os monges comem duas vezes por dia, a primeira refeição depois da ronda esmoler, e a segunda por volta das onze da manhã.

Nos mosteiros da floresta os monges levantam-se por volta das três da manhã. Em alguns mosteiros os cânticos de grupo e a meditação acontecem de manhã cedo e à noite, noutros, os monges meditam sozinhos. Logo ao raiar do sol os monges põem-se a caminho para a ronda esmoler em direcção aos vilarejos das redondezas, em itinerários que distanciam entre, aproximadamente, dois a dez quilómetros. Os monges da floresta só comem uma vez por dia, geralmente por volta das oito da manhã. Passam muito do dia a praticar meditação, sentada e a andar. O estudo dos livros tem um papel secundário e é deixado à escolha de cada um. Pode ser que recebam instrução formal do seu professor, duas a quatro vezes por mês. De tarde, os monges trabalham geralmente uma ou duas horas, principalmente na limpeza dos edifícios monásticos e a varrer os caminhos da floresta. Nos mosteiros mais pobres, é frequente os monges fazerem algumas obras de construção de que precisam.

## Uma vez que os monges vivem em reclusão, que qualificações têm para aconselhar as pessoas sobre as suas famílias e seus problemas profissionais?

Pessoas de qualquer classe e nível social, velhos e novos, do sexo masculino e feminino, vão visitar os monges seniores. Elas tratam das suas vidas e problemas com estes monges, da mesma forma que os ocidentais falam com um padre ou um terapeuta. Em resultado disso, esses monges acabam por ter uma boa visão dos diversos problemas com que se confrontam os seus discípulos leigos.

Uma vida devotada à compreensão da mente humana significa que os monges séniores, particularmente os mestres em meditação, alcançaram profundas realizações no que respeita à forma como a mente funciona, como cria sofrimento e como se pode libertar de tal. Ao observarem profundamente o funcionamento das próprias mentes, estes monges compreendem a mente dos outros. Embora as situações que provocam emoções possam variar, as emoções em si são universais. Ao falarem sobre os pensamentos, as crenças, os desejos e medos que subjazem a vários problemas, os monges podem chegar à raiz do assunto em causa, sem se atrapalharem por falta de experiência pessoal em situações particulares.

## As mulheres podem ser monjas?

Sim, as mulheres podem ter uma vida monástica, dedicando as suas vidas ao estudo e prática dos ensinamentos budistas, mas não da mesma maneira que as monjas das primeiras gerações. Infelizmente, a ordem original das monjas, o Sangha das Bhikkhunīs, extinguiu-se há mais de mil anos. A visão que prevaleceu (embora não unânime) dos países budistas Theravāda é que não é possível restaurar a ordem das Bhikkhunīs, uma vez que os requisitos para a ordenação das Bhikkhunīs tal como o Buda estipulou não podem ser preenchidos. Sendo a linha Theravāda uma tradição que se define pela atitude conservadora para com os textos, não é de surpreender que a atitude de ultrapassar as instruções dadas pelo próprio Buda seja considerado impensável para muitos monges. Como alternativa para as ordenações Bhikkhunīs, os países Theraváda estabeleceram as suas próprias instituições quase monásticas para mulheres com fé. Na Tailândia esta instituição é a ordem dos hábitos brancos das *mae chee*.

A visão ortodoxa sobre a restauração das ordens Bhikkhunīs não é aceite universalmente. Ao longo dos últimos anos, iniciou-se um movimento para reestabelecer a ordem Bhikkhunī, principalmente instigado por mulheres budistas de países ocidentais. Há um número crescente de mulheres que, actualmente vivem como Bhikkhunīs, sendo que um pequeno número delas reside na Tailândia.

## Alguma vez houve na Tailândia uma Ordem de Bhikkhunīs?

Na altura em que o primeiro reino tailandês se instalou em Sukhotai, no séc. XII, a ordem das Bhikkhunīs já tinha sido extinta. É possível que aproximadamente mil anos antes disso, na primeira vaga da propagação budista, no que hoje é o centro da Tailândia, as Bhikkhunīs tenham desempenhado algum papel, mas não há relatos históricos fiáveis de tal. Seguramente não existe qualquer memória cultural de uma ‘idade de ouro’ budista, em que o Sangha fosse constituído de ambos: Bhikkhus e Bhikkhunīs. Talvez isto ajude a explicar porque é que a atitude tailandesa perante a restauração das ordens Bhikkhunīs seja pouco entusiasta.

## Não é melhor trabalhar para tornar a sociedade um lugar melhor, em vez de se retirar para ser um monge ou uma monja?

A ordem monástica está ligada à sociedade em geral através de uma complexa rede de relações. No cômputo geral, deve ser considerada mais como uma parte especial da sociedade, do que um corpo exterior a ela. Tornar-se monge não significa cortar todos os laços com o mundo, mas antes adoptar uma nova relação com ele. Os monásticos defendem a integridade dos ensinamentos do Buda, evitando que se diluam ou sejam distorcidos. Põem em prática os ensinamentos e, ao longo das suas vidas, tentam comprovar o valor de o fazerem. Os monges transmitem os ensinamentos aos budistas leigos. Empreendem uma prática que, se feita com sinceridade, os ajuda a moldar as qualidades da paz, compaixão e sabedoria. Ao desempenharem estas funções, acredita-se que os monásticos ajudam a preservar e disseminar os valores que corroboram nas tentativas de fazer mudanças positivas na sociedade.

## Porque é que na Tailândia os monges recebem, das mulheres, oferendas sobre um pedaço de tecido, em vez de receberem directamente das suas mãos?

A prática não foi proposta pelo Buda, e não é seguida por outros monges em outros países Theravāda. É uma convenção (possivelmente copiada de algum ritual da corte Khmer) que foi adoptada pelo Sangha tailandês há uns séculos atrás, de forma a manter a formalidade de relações entre monges e mulheres leigas. O acto de doar cria, pela sua natureza, uma certa intimidade entre aquele que dá e o que recebe. Ao aceitar ofertas num pano, o monge cria uma artificialidade e distância no acto de doar, servindo de ajuda à consciência, bem como uma restrição, tanto para o monge, como para a mulher que dá.